

Heterogeneidade amazônica: cultura(s) e identidade(s) em *Candunga*, de Bruno de Menezes

Mestrando Rodrigo de Souza Wanzeler (UFPA)

Resumo:

O presente trabalho elucida questões referentes à cultura e à identidade em literatura. Para tanto, utilizaremos o romance Candunga, do escritor paraense Bruno de Menezes, como fonte de nossa pesquisa, dando destaque aos conflitos que ocorrem entre o caboclo amazônico e o nordestino migrante no que tange a aspectos culturais e identitários, durante o período do povoamento da Estrada de Ferro Belém-Bragança.

Palavras-chave: Literatura; História; cultura; identidade.

Introdução

Atualmente, a cultura está cada vez mais suscetível ao olhar do outro e, devido ao maior contato entre grupos diferentes, sofre constante processo de hibridização, germinando daí um novo entendimento. Essa conjuntura atinge a região amazônica sendo refletida, principalmente, através das migrações ocorridas após o *boom* da borracha, na segunda metade do século XIX. A literatura traduz essa complexidade em seus escritos e, nesse sentido, é uma rica fonte de informações que pode nos dizer muito acerca da formação cultural em diferentes níveis, do local ao global, recriando tal realidade, sendo parte dessa miscigenação. Nessa linha, o presente trabalho elucida questões referentes à cultura e à identidade em literatura. Utilizaremos o romance *Candunga*, do paraense Bruno de Menezes, como fonte de pesquisa, ressaltando os conflitos identitários que ocorrem entre o caboclo amazônico e o nordestino migrante durante o povoamento da Estrada de Ferro Belém-Bragança, analisando vozes e lugares presentes no romance e percebendo como são construídos os discursos nessa relação dialógica. Espera-se dar uma relevante contribuição aos estudos sobre a diversidade do ethos cultural amazônico, desconstruindo um discurso homogeneizante, ressaltando assim, o quanto a literatura é importante aos estudos de relevantes aspectos condicionados sob a égide sócio-histórica.

1 Cultura e identidade

Antes de chegarmos ao centro de nossa pesquisa, vemos a necessidade de abordar a cultura em seu aspecto conceitual, a fim de que possamos analisar com subsídios teóricos sua formação e seus desdobramentos. O termo *cultura* deriva do verbo latino *colo* que significa *eu moro, eu cultivo*, se bem observarmos, o termo latino está intimamente ligado a terra, não é à toa que o vocábulo *colonização*, também, provém da mesma matriz vocabular de *cultura*. Já que *cultura* e *terra* estão relacionadas, podemos destacar o fato de, desde os primórdios até os dias atuais, esta última ser objeto bastante cobiçado, e justamente dessa cobiça vieram guerras, invasões, entre outras formas de disputa pela terra, a grande busca pela expansão de poder, de domínio sobre o outro. O *Dicionário Filosófico Abreviado*, de M. Rosental e P. Iudin, é citado por Nelson Werneck Sodré no que diz respeito à definição que estes têm da palavra *cultura*.

A cultura é um fenômeno social que representa o nível alcançado pela sociedade em determinada etapa histórica: progresso, técnica, experiência de produção e de trabalho, instrução, educação, ciência, literatura, arte e instituições que lhes correspondem. Em um sentido mais restrito, compreende-se, sob o termo de cultura, o conjunto de formas de vida espiritual da sociedade, que nascem e se desenvolvem à

base do modo de produção dos bens materiais historicamente determinados. (in SODRÉ, 1989. p. 03)

Certamente, que está implícita a idéia de lugar, que possui uma significação individual ou coletiva, mas que também é o alicerce da cultura de uma comunidade, de uma nação. Com essa importância que tem o lugar, a expansão de territórios ganhou força, ainda na Antiguidade e ampliou-se durante a Idade Média. Tal expansão cresceu mais ainda no período mercantilista, onde portugueses e espanhóis tiveram bastante relevância avançando, principalmente, sobre o novo mundo, a América. O ponto culminante de projetos expansionistas vem ocorrendo desde o advento do capitalismo enquanto modo de produção, iniciado com a Revolução Industrial na Inglaterra, passando pelas duas grandes guerras, e, atualmente, acontecendo uma expansão territorial proporcionada em grande parte pelos meios de comunicação, principalmente por meio da internet.

É importante se ressaltar o fato de que, seja qual for a forma, a expansão territorial sempre gera conflitos. Os conflitos ocorrem devido a não estar em xeque a terra somente, mas toda uma base estratificada sobre ela, todo um conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores a que chamamos de *cultura*, como afirma Bosi. Aquele que expande seus domínios, o colonizador, o faz sob alguma justificativa. Citemos o exemplo do Brasil que, colonizado por Portugal, sofreu as agruras da aculturação de seus habitantes, os índios, a fim de enquadrá-los aos moldes do colonizador. No caso do nosso país, a justificativa dada por Pero Vaz de Caminha, em sua famosa Carta à corte de Portugal, era que se fazia extremamente necessária a intervenção portuguesa no território brasileiro para que se salvassem as almas daquelas pessoas que nem roupa usavam. Tratava-se de uma colonização com fins econômicos, mas resguardada pela missão de cristianizar o outro, a grande justificativa expansionista do período. É salutar que percebamos como se estabelece a relação entre cultura e colonização. O ato de colonizar implica na imposição pelo colonizador de sua cultura em detrimento da cultura do colonizado, devido ao primeiro considerar-se superior em relação ao segundo. Daí, como foi dito anteriormente, intensificam-se os conflitos, inclusive com o extermínio daqueles que se opunham às imposições colonialistas. O ato de colonizar está associado diretamente à economia e à cultura, como grande projeto de expansão dos domínios políticos e ideológicos sobre povos considerados inferiores, a relação Portugal-Brasil é um exemplo prático desse projeto.

Uma outra forma de contato entre culturas que ocorre há tempos se dá por meio das migrações. Nos tempos modernos, os negros, os judeus e os nordestinos (internamente no Brasil) promoveram grandes diásporas em busca de melhores condições de vida em terras estranhas, por expulsão ou por fuga das barbáries colonialistas ou até naturais. Seja qual for a forma de contato entre culturas, não falaremos aqui da substituição total de uma cultura pela outra, se é que há tal possibilidade, mas sim da junção de culturas diferentes, por exemplo, falando-se em cultura no que diz respeito ao Brasil, a maneira como se deu a colonização e seus desdobramentos propiciaram a hibridização de elementos culturais do colonizador português, do indígena e, *a posteriori*, do negro africano, tornando plural a cultura brasileira. Isso nos dá a noção do quanto o contato entre culturas diversas permite que nos interstícios, lugar da diferença segundo Bhabha, surja uma nova forma cultural proveniente das diferenças existentes entre elas.

Falar em *cultura* traz à tona o debate sobre *identidade*, um terreno movediço não só pela sua complexidade, mas pela diversidade que o termo abarca, por isso falaremos aqui em identidades, com o mesmo raciocínio que utilizamos para falarmos em culturas. Para Taylor a identidade está, de forma bastante estreita, ligada à noção de reconhecimento, de contato dialógico com o outro, reconhecemos nossa identidade a partir do outro, com o qual nos identificamos ou não. Podemos destacar o fato de a identidade poder ser analisada em sua forma mais subjetiva, individual, até uma forma mais ampla, abrangendo uma comunidade, um país. Em linhas mais gerais, Hobsbawm considera que para uma comunidade se tornar uma nação é necessário já haver um estado de fato, uma língua e cultura comuns, e um forte poderio militar. A comunidade que possuir esse perfil comum compartilha de uma identidade nacional, a partir da construção de um imaginário coletivo onde cada indi-

víduo se reconheça enquanto membro desta coletividade. Aqui no Brasil a questão de uma identidade nacional ganhou força no século XIX, após a independência de 1822, com destaque à literatura, mais especificamente aos românticos, que difundiram este sentimento de brasilidade através de seus escritos. Por este fato, muitos teóricos literários consideram a existência de uma literatura brasileira, de fato, somente a partir dessa conjuntura, na qual o Romantismo foi o primeiro estilo de época realmente nacional, onde valores e símbolos brasileiros são postos em evidência, principalmente a exuberância de nossas florestas, o heroísmo do índio, mesmo sendo este ainda bastante europeizado, mas ainda sim sem dar relevância à figura do negro. Sobre isso, Renato Ortiz diz que “em sua *bricolage* de uma identidade nacional, o romantismo pode ignorar completamente a presença do negro. A situação se transforma radicalmente com o advento da abolição”. É a busca por um passado pouco conhecido, ou não valorizado, como parte da construção da identidade.

Segundo Noronha, identidade cultural refere-se a grupos que não têm como esteio um Estado-nação, mas que reivindicam seu reconhecimento em uma cultura comum, ou seja, são minorias lutando por espaço na cultura hegemônica. Essa diversidade, cultural e identitária, gera problemas localizados no campo das diferenças, que são formas de juízo de valor determinantes para a manutenção de uma cultura como hegemônica em detrimento do diferente. É fala corrente, no discurso de muitos, coisas do gênero “isso não é cultura”, “minha cultura é melhor que a do outro”, “eles não têm cultura”, entre outras concepções equivocadas. Diante dessa análise da realidade identitário-cultural que nos propusemos a abordar neste trabalho, o romance *Candunga*, do escritor paraense Bruno de Menezes, ilustrará um pouco do que foi visto até aqui. *Candunga* foi escrito, segundo Azevedo, em 1939, mas sua primeira publicação data de 1954. O romance representa a migração nordestina para a Amazônia, mais precisamente à Zona Bragantina, expondo as agruras vividas por uma família de retirantes cearenses, expulsa de suas terras por conta da seca e vivendo momentos atribulados em solo amazônico durante o povoamento ao longo da Estrada de Ferro de Bragança.

A história oficial nos conta que no início do século XX a colonização da Zona Bragantina contava mais de 10.000 colonos. Desses, cerca de 8.000 eram nordestinos, sendo quase 6.000 cearenses. Não foi à toa a escolha de Bruno de Menezes por uma família do Ceará como a protagonista do romance *Candunga*, e isto se concretiza pelo fato de o escritor ter, *in loco*, participado de inúmeras visitas pelo percurso da estrada de ferro em nome do governo do estado do Pará. A fuga de nordestinos, por conta dos horrores causados pela seca, era comum no fim do século XIX e início do XX, tanto que uma das mais conhecidas representações literárias dessa realidade foi publicada em 1902, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. A migração, para o nordestino, representava (e ainda representa) a caça ao tesouro pela melhoria de vida, no entanto, tão grande quanto o desejo de progresso era a busca pelas suas raízes, pela sua cultura e pela sua identidade, o sentimento ulisseano do eterno retorno à terra de onde partira.

Com o início do ciclo da borracha, a partir de 1844, uma grande leva de nordestinos migrou à Amazônia para servir de mão-de-obra, os chamados *soldados da borracha*, grandes responsáveis pela *Belle époque* amazônica. A histórica seca de 1877, também, provocou uma grande debandada de pessoas oriundas do nordeste rumo ao solo amazônico. Fixando o foco na Zona Bragantina, um número considerável de migrantes veio como parte do projeto de colonização desta área devido à construção da estrada de ferro que uniria os municípios de Belém e Bragança. Outra parte veio a reboque do imaginário que, ainda hoje, perpassa sobre a região amazônica, lugar de fartura, progresso, solução para todo e qualquer problema vivido por aquele que a ela chega. No entanto, em *Candunga* o tom de mudança vem por meio do apito do trem, que se aproxima trazendo consigo a idéia de progresso e ao mesmo tempo mazelas pelas regiões por onde passa, transportando carga, gente humilde que, no geral, não vai acompanhar a velocidade do trem da modernidade e vai se manter, tradicionalmente, à margem desse pseudo- desenvolvimento proporcionado pelo avanço voraz do capitalismo, que enfraquece o nosso lado sensível e nos fomenta cada vez mais à competição, ao conflito, fato relevante no romance.

Em *Candunga* é marcante o fortalecimento de uma identidade em função da outra, a identidade cabocla da Amazônia e a identidade nordestina. Dentro do espaço da Zona Bragantina o outro é o nordestino, aquele que possui costumes e valores contrastantes dentro da região em relação à cultura hegemônica do caboclo. O narrador reflete em sua fala durante a saga contada no romance, ao mesmo tempo, pesar pela situação do nordestino e inquietação no que diz respeito ao fator sócio-cultural. No entanto, fica bem delimitado na obra um posicionamento de afirmação da cultura cabocla. Veja estes trechos a seguir.

Conscientemente, para esse povo cigano, se punha deixar o sertão, acabado de fome e sede, seria com a mesma resignação fatalista, que aceitariam outro habitat numa região menos agressiva, onde o sol dos martírios, não queimasse tanto os roçados e nem reduzisse a ressequido leito o fundo arenoso das cacimbas (MENEZES, 1993. p. 108)

O êxodo de lavradores do nordeste, em consequência dos anos de penetração e do povoamento precário na zona bragantina, com a introdução de hábitos tipicamente ‘cearenses’, como se tornou generalidade chamar aos métodos desses inconstantes migradores, tem transformado completamente a primitiva fisionomia social da região (MENEZES, 1993. p. 202).

Percebe-se, nestes trechos, que o migrante gradativamente foi ocupando espaço, não só físico, e se fazendo presente de forma ativa no cotidiano da região, saindo do nordeste rumo ao desconhecido e depois influenciando na dinâmica sócio-cultural em localidades da Zona Bragantina.

Segundo Bhabha, devido ao deslocamento sócio-cultural, ocorre o *estranhamento* do eu em relação ao outro e vice-versa. Desse *estranhamento* se sobressaem as diferenças, e quando estas diferenças forem aglutinadas, teremos então uma cultura híbrida, que difere de suas matrizes. No entanto, dirimir essas diferenças é uma etapa bastante complexa dentro desse jogo entre identidades e culturas diversas. Nesse ponto observamos a grande importância da literatura para a análise das relações humanas. Esse *estranhamento* do qual nos fala Bhabha fica claro no trecho seguinte:

Os seus costumes, a sua religião, a sua índole, são outros. Em lugar do foguetório, preferem disparar as armas, gastando balas, ao contrário do caboclo que se amolece todo por um foguete, um samba, um “chorinho” tocado melosamente, num clarinete, num cavaquinho, num violão bem penteado. Eis porque, na zona bragantina, a dentro das colônias os divertimentos festivos são pouco animados; as músicas que executam nas sanfonas e nas violas, só arrastam os pares no passo do “baião”, do “corrido”, num ritmo desajeitado (MENEZES, 1993. p. 203).

Percebe-se, pelo narrador, o nível de conflito existente entre a cultura do caboclo e a do nordestino, cada um, sujeito partícipe de sua respectiva cultura. Torna-se evidente, em *Candunga*, a visão do *outro* (migrante nordestino) como degradador, aquele que mudou a fisionomia da região, queimou a mata e “mesclou” seus hábitos “cearenses” aos costumes do caboclo sensível. Uma visão bastante semelhante à do *outro* europeu em relação à América, invasor de terras e aniquilador de culturas. Parece que em *Candunga* há, pode-se dizer, uma espécie de nordestino europeizado, tão invasor, tão destruidor de cultura quanto o português ou o espanhol, por exemplo, só que com uma diferença crucial, enquanto o europeu chegou como conquistador, o nordestino chegou na condição de subalterno.

Já que estamos falando em uma relação *eu* e o *outro*, é válido ressaltar o fato de o nordestino também se sentir estranho em outras terras, homem desenraizado que é, “não escondendo a mística do fatalismo que persegue sua raça” (MENEZES, 1993. p. 99), deixando para trás o pouco que possuía para tentar a ventura longe de casa. Veja o trecho a seguir:

Seu sentimento de paternidade havia sido espezinhado. “Estivesse no meu sertão” – verberava – e tamanha vergonha não me danava assim. Retirante em terra alheia,

não passa de flagelado, que se vê peiado – desafoga-se com Tereza, fazendo o seu conceito de justiça local. (MENEZES, 1993. p. 206)

No que diz respeito ao caboclo, bem, o caboclo se vê personificado na figura do narrador, atormentado tanto pelo sofrimento do migrante quanto pelo estranhamento que a chegada deste lhe causara, representando a relação dialógica que existe nas relações identitárias de que falamos anteriormente. Da crise, do estranhamento, vêm as diversas formas de afirmação da identidade e da cultura, provocando o conflito. O uso de vários termos pelo narrador denota bem esse sentimento. O nordestino e sua terra representam o flagelo, a fome, o povo desajeitado, enquanto que o caboclo e sua terra representam a esperança, a ventura, o povo animado. Observe este trecho retirado do livro de Ernesto Cruz, *A Estrada de Ferro de Bragança*. Um dado histórico da visão acerca do nordestino.

No núcleo de Benevides, os flagelados cearenses não corresponderam ao que deles esperava o Governo. **Vimos como se deixaram conduzir pelo espírito de indisciplina e pela falta de compreensão dos deveres.** Desses colonos chegou a dizer o presidente João Bandeira de Melo Filho que, em sua maioria, **não eram lavradores e nem revelavam amor ao trabalho e à propriedade territorial** – grifo nosso. (CRUZ, 1955. p. 48).

O caboclo acaba por se tornar a grande referência ao falarmos de cultura na Amazônia, logicamente, após um longo período de acúmulo e hibridização, principalmente, com a cultura nordestina. O caboclo amazônico, fruto da mistura branca e índia, por muito tempo se viu isolado, tendo a floresta como sua principal aliada, fonte de sua subsistência, estreitando a relação homem-natureza, uma cultura peculiar em relação ao que vemos no resto do país por conta desse isolamento histórico que obrigou o colonizador português a instaurar dois Brasis, no qual a província do Grão-Pará e Maranhão era um desses Brasis, que só a partir do século XIX, após a “independência”, fez parte do Brasil, pelo menos em termos administrativos, pois ainda hoje sentimos uma Amazônia apartada do restante país em termos políticos, culturais, econômicos e sociais.

O hibridismo ocorrido entre o caboclo e o nordestino é, na verdade, resultado da negociação feita mediante o contato entre culturas e identidades diversas, mas isso não é algo matematicamente exato, não se pode mensurar em níveis o híbrido, por ser algo fluido, tão fluido como o próprio sentimento de identidade que se vê despertado pela insegurança, pela incerteza em um mundo cada vez mais individual e cada vez menos humanista. A identidade torna-se, então, uma questão de sobrevivência. Identificar-se com o outro, fazer parte de uma mesma comunidade, estar junto para estar seguro. O nordestino no romance se viu sem identidade, sem rosto, tendo que abdicar do pouco que lhe restava para tentar harmonizar sua convivência em um lugar estranho. Essa é a fluidez da qual falamos, esse imenso poder de mutação que possuímos, analisando, dessa maneira, a identidade como algo não fixo. Sobre isso Bauman nos diz:

Tornam-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Acerca da hibridização entre o caboclo e nordestino nos diz Paes Loureiro:

É evidente que esta (a cultura amazônica) é também produto de uma acumulação cultural que absorveu e se amalgamou com a cultura dos nordestinos que, em épocas diversas, mas especialmente, no período da borracha, migraram para a Amazônia. Com eles aprenderam a cultivar a terra – de forma rústica – razão pela qual se auto-define nas zonas interioranas como “colonos”; ao lado disso, os nordestinos

– tradicionalmente agricultores – assimilaram um certo conhecimento sobre a floresta e dedicaram-se também ao extrativismo. (LOUREIRO, 1994. p. 27).

É interessante confrontarmos a citação acima com este trecho do romance a seguir:

Desconhecedores dos valores de nossas essências florestais, repetindo o tradicionalismo de seus patrícios, que transplantam a aridez, em vez do florescimento, Gonzaga e Candunga derrubaram sem conta nem medida uma vasta porção de mata, onde caberiam centenas de tarefas plantadas, que seriam totalmente colhidas, se o seu cultivo fosse tecnicamente organizado. (MENEZES, 1993. p. 120)

Nossa intenção não é aqui pôr o escritor e seu romance como anti-nordestinos, mas sim ressaltar, através da literatura, a relação tempestuosa entre comunidades diferentes, de culturas diferentes, dinâmica corrente na história humana. Portanto, é louvável o fato de termos nesta pesquisa posto o fato histórico ao lado do fato literário, afirmando que literatura não é história, mas sim, a representação de uma realidade, só que com suas peculiaridades, rebuscamentos e amplitudes. Pode-se dizer a partir daí que o literário é o não dito pela história. Percebe-se a importância dos estudos sociais ao campo literário, onde obras literárias têm a imensa capacidade de representar as relações inter-culturais entre o *eu* e o *outro*, destacando o fruto do dialogismo existente nessas relações.

Conclusão

Nesse breve artigo sobre cultura e identidade em literatura, na obra *Candunga*, tentou-se pôr em evidência a discussão sobre a migração nordestina para a Amazônia e seus desdobramentos para esta região, expondo a relação entre o caboclo e o nordestino, não para exaltar ou criticar a cultura de um ou outro, afinal o nosso papel, enquanto críticos literários, não é o de estabelecer juízo de valor, mas buscar, nas diferenças, a riqueza de cada uma delas, pondo em relevância a heterogeneidade presente na região amazônica, tentando desconstruir a imagem de uma Amazônia inventada com o propósito, somente, extrair dela seus dotes naturais, não levando em consideração a existência de pessoas e de culturas diversas, pondo a região no foco, sob os holofotes da atenção internacional como sendo a Canaã da contemporaneidade, mas a mantendo à margem de um desenvolvimento sócio-econômico sustentável, alvo de um neo-colonialismo vivido em tempos que podemos chamar de pós-modernos, pela ganância e irracionalidade dos que desconhecem o que é a Amazônia de fato.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, J. E. de. Literatura Paraense. Belém. SECULT, 1990.
- BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro. J.Z.E, 2005
- BHABHA, H. O Local da Cultura. Belo Horizonte. UFMG, 1998.
- BOSI, A. Dialética da Colonização. São Paulo. Companhia das Letras, 1999.
- CRUZ, E. A Estrada de Ferro de Bragança: Visão política, econômica e social. Belém. Falangola, 1955.
- FIGUEIREDO, E. (Org.). Conceitos de Literatura e Cultura. Rio de Janeiro. UFJF/EdUFF, 2005.
- LOUREIRO, J. J. P. Cultura Amazônica: uma poética do imaginário. Belém. CEJUP, 1994.
- MENEZES, B de. Candunga: cenas das migrações nordestinas na zona bragantina. Belém, SECULT, 1993.
- ORTIZ, R. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. 5 ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.

XI Congresso Internacional da ABRALIC
Tessituras, Interações, Convergências

13 a 17 de julho de 2008
USP – São Paulo, Brasil

SODRÉ, N. W. Síntese d História da Cultura Brasileira. 16 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1989.

Autor

Rodrigo WANZELER, Mestrando
Universidade Federal do Pará (UFPA)
sir.wanzeler@gmail.com